



OCS 1913

CRISTINA
MOURA
E SILVA

AS VERDADES
INVERSAS
QUE VOCÊS
CRIANÇAS
JÁ DEVEM
SABER

AS VERDADES
INVERSAS
QUE VOCÊS
CRIANÇAS
JÁ DEVEM SABER

Não deixe de ler este livro Até o fim.

E no futuro, volte A ele sempre que Achar que precisa.

1/06/2019. UMA obra de Cantilena Amora e Silva

CAPÍTULO 0

EU E O MUNDO

Oi.

Começo dizendo o que vocês, provavelmente, já sabem. A maioria dos meus colegas escritores acham vocês meio bobos. Meio crianças.

De minha parte, devo dizer que por um lado eles estão meio certos. E por outro estão completamente errados.

Isso por que vocês são completamente crianças, e não só meio. E não são nada nada bobos.

Assim, vou me permitir ser completamente sincera com vocês. E quem sabe vocês gostem de mim mais do que gostam deles.

E no futuro me façam rica, comprando meus livros para adultos.

Porque é disso que se trata o mundo.

CAPÍTULO 1

ESTÓRIA É HISTÓRIA

Isto que vou contar para vocês é o que se pode chamar de estória/metáfora. Você provavelmente sabe o que significa metáfora, a sua mãe e seu pai - que devem estar lendo pra ti agora - já devem ter explicado.

Explicaram errado, aposto. Vou dizer algo que você talvez não saiba que sabe, e eles com certeza já esqueceram. Toda estória é uma metáfora. E digo mais: Toda história é uma metáfora. Neste mundo não existe ficção. E toda mentira é uma verdade inversa.

Traduzindo: Isto que vou contar pra vocês é o que se pode chamar de Verdade Inversa.

Toda verdade inversa, com o passar do tempo, te leva a entender bem melhor uma verdade verdadeira. Para isso servem as estórias.

Por isso conto esta estória.

CAPÍTULO 2

OS CABELOS

Eles eram uma família. Talvez parecida com a sua. Com certeza, em algum ponto, muito parecida com a sua.

Pense que eles eram a sua família.

João, Mafalda e Rudá.

João, um homem adulto. Nascido bebê, crescido criança, adolescente, jovem, coisa e tal. Hoje, quando se passa essa estória, adulto. E homem, porque assim disseram os médicos quando nasceu, seus pais enquanto crescia, e toda a sociedade depois dos 4 anos quando ele cortasse pela primeira vez os cabelos. Se os tivesse.

Mafalda, uma mulher adulta. Nascida bebê, crescida criança, adolescente, jovem, coisa e tal. Hoje, quando se passa essa estória, adulta. E mulher, porque assim disseram os médicos quando nasceu, seus pais enquanto crescia, e toda a sociedade depois dos 4 anos quando ela, pela primeira vez, cortasse apenas as pontas dos cabelos. Caso os tivesse.

Rudá, uma criança de seis anos, tipo você. Não sei se é mulher ou homem, não sei porque não perguntei. O comprimento dos cabelos não me diz nada. E acho que ser homem ou mulher, para uma criança de seis anos, é completamente irrelevante. O gênero dela.

Na adolescência o gênero começa a importar mais. Os seus pais podem te explicar o porquê se você tiver curiosidade sobre isso. Mas eu imagino que não tenha. Não agora.

Agora temos outras prioridades.

Porque eu falo, falo, e não começo essa estória? Conversar com vocês está me distraindo.

Vou tentar ser mais certa no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

UMA CASA, UM PRECONCEITO

O que posso dizer sobre a estória? Não gosto de ficar fazendo rodeios.

Vou direto ao fato: João, Mafalda e Rudá me receberam em sua casa quando eu mais precisei. E quando digo casa quero dizer família.

Uma figura de linguagem: quando na linguagem impomos uma imagem para nos fazer entender. Te impus uma casa. Uma casa. Eu quis dizer, de fato, família. Mas casa e família pra mim são a mesma coisa.

Quando mais precisei estive rodeada pela família deles. A minha família.

São pronomes confusos, os possessivos. Tão pouco entendo de gramática.

Uma escritora que não entende de gramática?!

Não se impressione criança, você ainda vai encontrar coisa mais estranha neste mundo.

Neste nosso mundo.

E é um preconceito achar que escritor deve entender de gramática. Preconceito é quando você não se debruçou sobre um assunto, não estudou o bastante, não conhece, mas mesmo assim tem uma opinião. O pré conceito.

Não seja preconceituoso comigo. Acho que perdi minha narrativa.

Falava sobre a família deles. E como fui bem recebida quando mais precisei.

Vou tentar de novo.

CAPÍTULO 4

MEU PROBLEMA DE RAÇA

Tem algo que eu preciso confessar pra vocês.

Por muito tempo, e até pouco tempo atrás eu fui muito preconceituosa com eles.

Sim, com eles todos.

João, Mafalda e Rudá.

Devo dizer que me considerava superior. Mais inteligente. Mais limpa.

Isso não é fácil de dizer e muito menos é algo que me orgulhe. Mas não vou usar palavras mais fáceis para amenizar o meu problema.

Pensava que eles não viveriam sem mim. Ou não viveriam bem.

Provavelmente precisariam revirar o lixo procurando por comida. Como tantos outros de sua raça.

Assim eu pensava.

Raça.

Por sinal, essa é uma palavra que não existe.

Muitas palavras não existem. Existe a palavra, muito se lê aquela palavra. Mas o conceito...

Não existe.

Quero dizer, depois que você muito se debruça sobre a questão acaba percebendo que não existe questão. E por mais que exista a palavra, o conceito não existe.

Por exemplo: Deus e Cão!

HAHAHAHAHAHAH

Tem palavra que serve para enganar e assustar criança boba. Os inventores de palavras de Verdade Inversa são muito perspicazes.

E sapecas.

E cruéis.

Devo dizer que sou um deles. Novamente este pronome possessivo.

É disso que se trata. Dos conceitos e dos pronomes. Possessivos.

Sabendo do que se trata, voltemos à estória...

CAPÍTULO 5

A NOSSA DIFERENÇA

Quanto mais eu falo, percebo que falo mais sobre mim do que sobre eles. Esse é um defeito comum de quem fala. Espero que você não fale.

Ouvi dizer ontem que todo escritor é vaidoso. É difícil assumir os próprios defeitos porque nossos olhos só vêem o que está à frente. E nós sempre estamos atrás dos nossos olhos.

Mas preciso assumir meu defeito congênito. Sou uma escritora.

Congênito é quando vem dos genes. Ou melhor dizendo: Dos pais. É o que quis dizer, que meu defeito vem dos meus pais.

Eles são os defeituosos. E me passaram essa doença incurável. Mas tem algo que eu posso me orgulhar.

Eu não sou a única doente. Na verdade, tem tantas pessoas doentes neste mundo que já é normal ser doente. De modo que se houvesse (duvido que haja) uma pessoa sã, com certeza ela seria considerada uma das mais doentes. Porque ela seria diferente da maioria.

Na nossa sociedade essa é a pior doença. Ser diferente.

A gente sabe que isso não existe, não é? Mais uma verdade inversa para a nossa coleção.

Não existe ninguém igual. Todo mundo é diferente, todo mundo. Mas a grande parte das pessoas tenta fingir que é igual as outras, assim muitos dizem que todos somos iguais. E os diferentes vestem rosa.

Mentira Inversa. Eu não sou igual a ninguém.

Apesar de eu ter uma doença que a grande maioria das pessoas também tem.

Caramba, não é sobre isso que se trata. Quero falar deles e não de nós.

Outra chance!

CAPÍTULO 7

PISCINAS

Quando alguém está passeando na rua. Uma rua bonita, com árvores e flores. De repente, sem perceber, sem mais nem menos, cai em um buraco. Um lugar fundo, mais fundo do que o resto da rua. Do qual é difícil sair sozinho.

Em termos geográficos, um buraco é uma depressão.

Não se incomode se eu estiver errada, é que não entendo nada de geografia.

Quando eu os conheci era lá que eu estava. Neste buraco. Por isso estava triste, claro. Buraco não costuma ser um lugar bacana. Não bate muita luz do sol e os amigos não costumam visitar pra brincar.

Lá não existe piscina de bolinhas nem nada do tipo.

Eu amo piscina de bolinhas apesar de ser adulta. Você deve gostar também porque você é uma criança. Eu estou sendo preconceituosa, espero que não se importe.

No mundo dos adultos não existe muita piscina de bolinhas e isso é um saco. Um buraco.

Uma vez pensei em produzir uma festa com piscina de bolinhas e piscina de verdade para adultos. Mas desisti porque eles podiam ficar bêbados e se afogar e brigar, e eu precisaria contratar seguranças e outras coisas que não são divertidas.

Você deve saber o que é um segurança. É aquele ou aquela ou aquilo que te segura quando você está prestes a cair no buraco.

Eu nunca tive muita segurança. E já estava no fundo do buraco quando conheci eles.

João, Mafalda e Rudá.

Meu buraco por pouco não virou uma piscina. Eu só fazia chorar.

Criança costuma chorar um pouco. Adulto costuma chorar muito.

Eu chorava tanto que meu buraco quase virou uma piscina. Talvez até fosse divertido. Exceto que piscina tem água doce e meu buraco seria de água salgada porque na lágrima tem bastante sal. Sabia?

Quem chora em cima do feijão que cozinha não precisa temperar.

Esse é um ditado popular que eu acabei de inventar.

Mas não tem a ver com a estória. De novo eu vou fazer outro capítulo para contar, quem sabe, a estória.

CAPÍTULO 8

AMOR GUARDADO

Eu escrevo vários capítulos curtos porque acho que fica mais fácil pra você acompanhar. Capítulos longos com palavras difíceis são para adultos acostumados com a literatura clássica.

Pelo menos é o que diz o meu preconceito.

Eu sou clássica como poucos são.

Mas não tanto aqui. Não tanto com vocês.

Crianças, já é hora da estória. Eu falei deles e da família deles. Falei do buraco. Falei das lágrimas que de alguma forma me fizeram boiar um pouco à cima. E foi aí que eles me ajudaram.

Dentro de um buraco você se sente muito sozinho. Eu não quero mais falar sobre isso. Não quero temperar meu feijão com este assunto.

Já disse que quero falar deles. Por mais que eu não consiga porque meus olhos só olham pra frente para ver os defeitos.

Isso é mentira. Eu não sou tão má. E sei, e já disse que eles me ajudaram muito.

Porque me abraçavam e beijavam e me olhavam com aqueles olhos que eles têm. Apesar de que eu erro quando eu falo assim, eles não são eles, cada um deles é único. No próximo capítulo falo de cada um, agora quero falar sobre os olhos.

O brilho dos olhos. Uma luz no fim da íris. Um olhar de sorriso. Amor. É disso que se trata. Amor.

É uma coisa preciosa isso.

Se eu tivesse um baú imenso de amor eu guardaria num cofre, como a coisa mais preciosa que já foi inventada pelo homem. Pelo ser humano. Por Deus. Ou pelo cão.

HAHAHAHHAAAAAAAAAH

Não tenha preconceitos com as palavras que não existem. Tenha paciência, vou explicar tudo. Vou explicar, mas me deixe estimular a sua imaginação antes. Ou, melhor dizendo, me deixe contar a minha história.

Depois é só você dizer que essa é mais uma das verdades inversas. E que eu sou mais um dos homens cruéis. Ou uma mulher sapeca.

Posso contar minha história?

CAPÍTULO 9

A MINHA FAMÍLIA

Se eu tivesse um baú imenso de amor eu guardaria num cofre, como a coisa mais preciosa que já foi inventada.

Eles tinham mais de um baú. E me deram um monte de graça. De graça. De graça. De graça.

Foi João quem me disse: - Só é seu aquilo que você dá.

Eu achei isso tão lindo, apesar de não ter entendido muito bem na época.

João é um amigo de longa data. Primeiro eu conheci ele. Ele me olhou com aqueles olhos e eu tive certeza que seríamos amigos. Apesar de sermos aparentemente tão diferentes.

Mas quando me dei conta de que eu era diferente de todo mundo o João me pareceu igual a todo mundo.

João é quase velho. Ele tem alguns cabelos brancos até. E ele não tem apego com muita coisa. E não cobra presentes. A única coisa que ele realmente se importa é que você olhe nos olhos dele quando falar com ele. Olho no olho. E que esteja lá de verdade quando vocês estiverem juntos. Que você não finja ser outra pessoa. Que você não ache que ele é bobo e dê pouca atenção por conta disso. E que você não esqueça dele.

Porque uma vez que ele te ame, ele nunca esquecerá de você.

Assim é ele. Não isso, mas ele.

Mafalda é um ser de outra complexidade. Também tem estes olhos de doce de figo. Caudalosos, profundos. Mas tem uma outra disposição. Ela olha pro nada por um tempo longo, e não te encara olho no olho como João. Eles são um casal curioso. Têm quase a mesma idade, mas muitas vezes ela parece a

mãe dele. Talvez pela elegância com que ela se porta. Talvez pela sabedoria que ela demonstra. E algum cansaço vez e outra.

Foi ela quem me disse uma vez: - O tempo não existe.

Na mesma hora abriu espaço para que eu me deitasse do lado dela e acariciou minha cabeça. Foi como se o mundo inteiro fosse uma cama confortável e eu estivesse para sempre seguro, ali do seu lado. Ali nenhum mal poderia me alcançar. Porque ela me transmitia paz e me acariciava a cabeça olhando pro nada.

Ela tem esse dom de ser mãe. De ser mãe de qualquer um. E como todo mundo precisa de uma mãe, ela é sempre muito necessária. Ela parece uma árvore de tão frutífera.

Fruta é aquela coisa doce que se come. Você sabe. Se consegue de graça ao alcance das mãos. Você sabe.

Rudá é minha amizade mais íntima. É uma fofura irresistível.

Imagino que você se pareça com Rudá. É um ser que tem olhos de lacuna brilhantes.

Lacunas são espaços vagos. Temporariamente vazios. Às vezes espaços imaginários. Sempre a serem preenchidos com algo.

Assim são seus olhos.

Me abraça com tanta gentileza e tanta gratidão. Me parece que ele agradece por eu existir. E isso me emociona. Me preenche. Eu entendo.

Rudá corre mais do que anda. Come com pressa e brinca com tudo. Desmonta até o que nunca havia sido desmontado antes. E é babão.

Não disse bobão, disse babão.

Adora um barulho. Adora um doce. Adora tudo o que se movimenta e brilha. Adora música. Acorda elétrico e adormece de repente. Nasceu ontem e parece que o mundo não existia antes disso.

Ama o natal. As luzes. E TV.

Já disse que eles me ajudaram quando mais precisei? Não canso de dizer isso.

Rudá me disse outro dia: - Te amo.

Eu sempre choro quando lembro. Não pelas palavras em si. Eu quase não ouvi as palavras direito. Mas eu senti aquilo. Me pegou de surpresa, eu já nem esperava ouvir isso de alguém.

Eu entendi.

Naquele momento deixei de ser uma lacuna definitivamente.

Esta é, em resumo, a estória. Mas posso contar mais detalhes.

CAPÍTULO 10

OS MONSTROS NÃO EXISTEM

Rudá teve um pesadelo uma vez. Acordou agitado, chorando. Claro que todos acordamos em seguida e ele foi direto pro colo da mãe.

Mais calmo, apaziguado pelo cafuné e calor da família, nos contou o que viveu no sono.

Ele disse que existiam pessoas ruins. Pessoas estranhas chamadas monstros. E estes monstros viviam por aí, aos montes, fazendo maldades terríveis. Disse que pegavam pessoas e comiam. Cortavam seus corpos, embalavam em sacos e vendiam para outros monstros. Faziam guloseimas deliciosas, misturavam com chocolate e ofereciam banquetes.

Trancavam crianças por anos em jaulas. Até que crescessem e pudessem ser vendidas em mercados de mortos.

Perguntei o que era a morte e ele não soube me responder. Eu também não saberia.

João disse que isso não existe.

Todos se apaziguaram. Isso não existe.

Não existe.

João olhou nos meus olhos certa vez e me disse. Mafalda me disse o mesmo enquanto acariciava meus cabelos. Rudá, esquecido do pesadelo dizia enquanto corria. A morte não existe. Isso não existe.

Eu gosto de frutas doces.

Eu guardo na mente as palavras de amizade como verdade imperecível.

Que nunca estraga.

Não existe o tempo.

Só é seu aquilo que você dá.

Acordo elétrico, durmo de repente, corro mais que ando. E te amo.

Eu sou cruel como tantos como eu. Mas amo a minha família. A família deles. E tenho o dom de transformar verdades inversas em metáforas.

O mundo da ficção é perfeito. E a ficção existe. Nos detalhes. Em todos os lugares. Agora.

É só o que existe.

Tudo o que existe.

Sobre as coisas que não existem, devo acrescentar a esta estória um outro detalhe.

CAPÍTULO 11

MINHA FAMÍLIA, FRUTA DOCE

Eu não mencionei, mas acabo de perceber que talvez tenha alguma importância.

Meus amigos são cachorros.

Cães.

Na verdade, não mencionei de propósito. Não queria que você os visse como geralmente se olha pra cachorros.

Tive preconceito contra você. Supus que você provavelmente não seria capaz de valorizá-los como eles merecem.

Errei?

Essa pergunta ainda será feita muitas vezes para tantos “você” diferentes. Com certeza terei muitas respostas diferentes pra essa mesma pergunta. Errei?

São cães.

João, Mafalda e Rudá. Cães.

Daquele tipo que corre sobre quatro patas e late. E abocanha sua comida e corre atrás da bola.

E olha nos seus olhos profundamente.

E acaricia sua cabeça

E diz que te ama.

São amigos diferentes, estes meus.

Uma família diferente, a deles.

A minha.

Mas como nunca vi uma família igual a outra, acho que eles são iguais a qualquer outra.

Para mim, de fato, são únicos. Raros. Fonte de um tesouro indescritível. Bem como a sua família deve ser pra você.

Não que eu seja um cachorro, claro. Cachorros não escrevem livros.

Ou será que escrevem?

Este livro em especial, escrito por mim (que por algum motivo até posso ser chamado de cachorra), está repleto de várias verdades inversas.

Como tantos livros.

Mas a principal delas eu disse logo no início.

A minha sinceridade é para que vocês gostem de mim. E se lembrem de mim quando crescerem.

E comprem meus livros para adultos.

É só por isso que eu escrevo agora.

É assim que funciona o nosso mundo. É disso que se trata.

Dos elos que construímos com cada pessoinha. Com cada cachorro.

Da quantidade de amigos que conseguimos fazer ao longo da vida.

Do quanto nós conseguimos amar a nossa família, independente da nossa capacidade de entendê-la.

Só existe sucesso compartilhado.

E o bem que se planta, se colhe.

Fruta doce.

Eis a estória.

Dedicado À Daniela Americano.

UMA velha amiga
que me pediu PARA escrever sobre cachorros
PARA CRIANÇAS.